

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Cidade de Santos

Class.: 2.06

Data: 13.05.84

Pg.: _____

190 Terena, o chefe de gabinete da Funai

BRASILIA — Marcos Terena tem 30 anos, chegou a Brasília em 1977 e logo se integrou ao grupo conhecido como "Índios-estudantes". Tomou contato com todas as discriminações da sociedade brasileira, tanto racial como social. Hoje, chefe de gabinete da Funai, atendendo o telefone de cinco em cinco minutos, dando ordens aos "brancos", ele só tem um sonho: que o governo e a sociedade brasileira reconheçam os direitos e valores de uma sociedade pluralista, onde convivem descendentes dos europeus, índios da idade da pedra e remanescentes dos negros escravos.

Voz pausada, que não se altera mesmo quando recebe uma ofensa, Marcos Terena, piloto formado pela Academia da Força Aérea, com o curso de Administração na Faculdade Católica interrompido pelos trabalhos da causa indígena está enfrentando a tarefa mais dura de sua vida. Nem as tempestades em dias de nuvens pesadas, quando pilota um bimotor, nem a discriminação sofrida na escola primária em Campo Grande (MS), quando sua professora o proibiu de frequentar as aulas porque lhe faltavam canetas apropriadas e seus sapatos estavam furados, representam tanto quanto a difícil função de ser chefe de gabinete da Funai.

Ele não quer lembrar o tempo em que foi discriminado até mesmo pelas entidades alternativas de apoio à causa indígena ("já passou", diz). Seu objetivo, no momento, é mostrar

que a Funai funciona melhor com a presença de índios nos postos de chefia. Sua primeira tarefa foi apagar os índios do norte de Goiás, apenagé, xerente e krabó. Quinta-feira, 24 horas depois de ser escolhido chefe de gabinete da Funai, Terena foi à Araguaína discutir com os líderes a melhor forma de encaminhar o problema indígena. E sentiu, na própria pele, que os índios podem ser manipulados por inescrupulosos.

INTERFERÊNCIAS

Desde que chegou a Brasília, Terena muito ouviu falar dos direitos indígenas. Leu, como os demais índios-estudantes, o Estatuto do Índio e descobriu que seus "irmãos", uanomami, kajabi, xerente, pataxó e outros, têm direitos reconhecidos pelas leis dos brancos. Em Araguaína, frente a três diferentes tribos, Marcos sofreu seu primeiro teste.

"Fui encontrar os caciques — diz ele — para lhes dizer que agora eles podem vir à Brasília porque estou, estamos todos, dispostos a discutir os problemas.

Encontrei problemas. Temos uma grande dificuldade da região (norte de Goiás). Há interferências de falsos indígenas que se utilizam da causa indígena para fazer maler seus interesses políticos-partidários. Desse jeito, vai ser difícil, mas acho que vamos ganhar a briga".

Na sexta-feira, logo depois de ter se comunicado com os líderes rebeldes do norte de Goiás, Marcos recebeu importantes caciques da tribo xavante Xavante. Abeceto Tsudzaweré e Warodi vieram a Brasília dar conselhos ao novo chefe de gabinete: "não trair os índios", aconselharam os chefes e Marcos respondeu-lhes que, como os demais índios, não se sente atraído por "ter" os bens da sociedade ocidental. "Meu objetivo — disse ele — é construir uma sociedade brasileira melhor, onde sejam reconhecidos os valores de todas as culturas, mostrar às crianças dos brancos que índios são gente, ser humano

igual aos outros e fazer com que os índios consigam penetrar em todos os setores da sociedade (até nos esportes), mostrando que somos capazes, prontos a assumir qualquer posto de direção e prontos, principalmente para assumir a Funai".

Mesmo com esse discurso e sua disposição, Marco Terena, que não pretende parar de pilotar um avião, para "não desaprender", está preocupado. Ele não sabe ainda como agir contra forças partidárias que embaraçam seu caminho e pretende resolver tudo na base do diálogo, até mesmo com os "brancos radicais".



O índio Marcos Terena